

PELAS TRILHAS DA TRADIÇÃO: A PESQUISA EM ORALIDADE NA UFBA¹

O estudo da literatura oral começa a se firmar no âmbito da universidade brasileira, sobretudo em programas de pós-graduação em letras, graça ao trabalho sério, competente e tenaz de pesquisadores e de grupo de trabalho de Literatura Oral e Popular da Associação nacional de Pós-graduação e pesquisa em letras e Lingüística – ANPOLL. Esse empenho vem aos poucos mudando uma mentalidade, ainda bastante arraigada no meio acadêmico universitário, que não consegue enxergar as peculiaridades inerentes a essa modalidade de literatura que lança mão de procedimentos formais que acentuam a função da voz e de aspectos performáticos no momento da transmissão do texto, estabelecendo, desse modo fronteiras demarcatórias entre o erudito e o popular.

A pesquisa em oralidade

Com o objetivo de recolher, estudar e divulgar as manifestações da literatura popular baiana, criou-se no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, em 1984, o Programa de estudo e Pesquisa da Literatura Popular – PEPLP, uma das linhas de pesquisa do Departamento de Letras vernáculas e do Mestrado em Letras desse Instituto. A pesquisa de campo, iniciada logo a seguir, centrou seu foco de interesse nas narrativas orais – romances tradicionais e contos populares – com vistas à constituição do romanceiro baiano e de coletâneas de contos populares, oriundos de uma tradição para aqui transplantada pelos colonizadores, que em contato com culturas indígenas autóctones e com culturas africanas trazidas pelos escravos vem passando por transformações, essas narrativas mostram-se através de uma expressão própria, marcada ora por essa confluência cultural, ora por diferenças.

A pesquisa de campo inicialmente voltou-se para a área metropolitana de salvador com dois projetos: Romanceiro Tradicional em salvador – RTS, e Romanceiro Galego na Bahia – RGB. Nessa etapa, são recolhidos prioritariamente textos de romances tradicionais entre os moradores da capital e adjacências, e na comunidade galega que emigrou para a Bahia, transplantado para as terras já conquistadas pelos portugueses e, com eles, a tradição popular ibérica. Uma amostra de 101 textos de romances tradicionais ibéricos e brasileiros

¹ Texto produzido em outubro de 1984, serviu de base para o texto “A pesquisa em literatura oral na UFBA: percursos e perspectivas”, publicado nos Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste, 2000, Salvador - BA. (*Do oral ao escrito 500 anos de história do Brasil*. Salvador: Editora da UNEB, 2000. p. 134-139.)

dessa coleta na capital foi publicada em número especial da Revista ESTUDOS: lingüísticos e literários, do mestrado em Letras, em 1988. Dada por concluída em Salvador, com significativa amostra da tradição poética popular, a pesquisa foi estendida ao interior do estado. Criou-se então, em 1989, o projeto Em Busca do Romanceiro – EBR, que, apesar do nome, se propõe a recolher além das narrativas cantadas, outras manifestações da variada e expressiva criação do imaginário do nosso povo, tais como: contos, cantigas de roda, brincadeiras infantis, canções, rezas, reisados, adivinhas, anedotas, incelências e tantas outras.

Metodologia

Para que a amostra fosse representativa da grande extensão territorial da Bahia e da sua diversidade étnico-cultural, o Projeto Em Busca do Romanceiro dividiu em seis grandes agrupamentos de microrregiões relativamente homogêneas, à maneira do IBGE (versão 1980), os 415 municípios. Definido o agrupamento de microrregiões e selecionados os municípios, a equipe prepara-se para a pesquisa de campo. Essa preparação se desenvolve em três momentos:

1. Estudo das características geográficas e sócio-econômico-culturais dos municípios.
 - Pesquisa bibliográfica.
 - Entrevistas com pesquisadores de outras áreas.
 - Contactos e gestões para obtenção de apoio logístico junto às prefeituras e/ou pessoas do lugar.

2. Pesquisa de campo propriamente dita.
 - Levantamento de informantes potenciais, identificação e seleção.
 - Entrevistas com os informantes selecionados, fichamento de seus dados e gravação da matéria oral fornecida, sempre em presença de dois pesquisadores.
 - Fichamento das fitas e identificação dos textos.

3. Trabalho de gabinete
 - Transcrição manuscrita da fita.
 - Revisão
 - Digitação e impressão preliminar.
 - Identificação e classificação dos textos.

- Catalogação e arquivamento.
- Relatório dos bolsistas.

Transcrição dos textos

Na passagem do texto oral para a modalidade escrita, alguns detalhes são observados. Por se tratar de material etnográfico, a transcrição desses textos exige um certo grau de detalhamento maior, que irá fornecer ao pesquisador elementos confiáveis para a interpretação da memória oral de determinado grupo, o que vai garantir a qualidade científica da recolha. Desse modo, são observados os seguintes princípios norteadores:

- Registro escrito de textos tradicionais que engloba não apenas a fala do transmissor, mas também as interferências do público presente à performance, os gestos, as hesitações, as onomatopéias, etc. Esses aspectos paralinguísticos devem ser esclarecidos em notas, quando necessário.
- Apreensão da variante dialetal/idioletal do informante.
- Fornecimento da covariante correspondente ao português padrão em ocorrências de difícil decodificação (cravoeiro por carvoeiro), e do significado de vocábulo de uso dialetal (berço de estrada na acepção de margem).
- Atitude não discriminatória perante a variedade lingüística.
- Aproveitamento máximo dos sinais codificadores da escrita comum (grafemas, diacríticos e sinais de pontuação).
- Registro de ocorrências conversacionais durante a performance.

Classificação dos textos

Os textos transcritos são classificados de acordo com normas internacionais já estabelecidas: os romances seguem as normas do Arquivo Internacional Eletrônico do Romanceiro – AIER, do Seminário Menéndez Pidal – Espanha. Quanto à classificação dos contos, seguem-se normas prescritas para a organização das coletâneas brasileiras (Projeto “Conto Popular e Tradição Oral no Mundo de Língua Portuguesa”) de acordo com o Catálogo Internacional de Anti Aarne/Stith Thompson, a exemplo do que vem sendo feito em outros países.

Material coletado

Iniciada pelas Microrregiões Pastoris, a pesquisa no interior veio comprovar a hipótese: o celeiro natural das manifestações da cultura popular se encontra na zona rural. Sentados à porta de casa nas áreas ainda não eletrificadas, reunidos em mutirões ou simplesmente em auditórios improvisados na venda dos lugares ou nas escolas vazias nos domingos e feriados, adultos, crianças e idosos, homens e mulheres, convivem familiarmente com Pedro Malasartes e Bocage, como também com reis, rainhas e princesas que lhes animam os momentos de convívio coletivo de lazer ou de trabalho. O conto popular revelou-se o gênero predileto, narrado por crianças, adultos e idosos de ambos os sexos. O romance, ao contrário, tem a preferência feminina e dos mais idosos, e o seu portador é mais difícil de se mostrar. De igual modo, as incências e rezas “fortes” são de difícil recolha. O informante quase sempre se nega a fornecer o texto. Temem a força da palavra que pode tornar realidade a coisa invocada. Assim, em Limeira, distrito de Vitória da Conquista, uma moça se “sentiu mal”, forma que encontrou para interromper uma incêncina que estava sendo gravada. Quanto às rezas “fortes”, por enquanto, só chegamos ao informante.

Cursos

A literatura popular começou a ser estudada na UFBA em 1984 no Mestrado em Letras com a criação da Disciplina Literatura Popular e Literatura Popular Portuguesa, ministrada pelo professor português Dr. Manuel Viegas Guerreiro. Em 1986, um curso sobre a metodologia de pesquisa foi dado pela professora Idelette Fonseca dos Santos, visando à formação de pesquisadores em oralidade. Outros cursos se seguiram: em 1991 o professor Dr. João Pinto Correia, da Universidade de Lisboa, ministrou o curso “Para o estudo do texto da oratura”, e, em 1994, a professora Dra. Jerusa Pires Ferreira, o curso “Matrizes impressas da literatura oral”. Foram criadas também duas disciplinas de literatura popular na Graduação dos cursos de Letras – uma destinada a estudantes da área de Letras e outra a estudantes das demais áreas. A proposta de inclusão dessa disciplina no currículo de Letras teve como objetivo principal possibilitar ao futuro professor do Ensino Médio e conhecimento dessa outra modalidade de literatura, e com isso desfazer equívocos que infelizmente ainda circulam no ambiente universitário onde se procura delimitar fronteiras entre o popular e o erudito, considerando a literatura popular como expressão literária menor. Na literatura institucionalizada não faltam exemplos da intervenção dessas duas modalidades literárias que

documentam o movimento realimentador existente entre popular e erudito. Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, entre outros, são dois dos mais representativos exemplos.

O projeto “Quem conta um conto...”

Preocupadas em dar funcionalidade ao material recolhido, que já se constitui um embrionário arquivo-memória da tradição poética na Bahia, as responsáveis pelo Programa, professoras Maria del Rosário Albán e Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, animavam a idéia de levá-lo à escola, por entender que a escola é o ambiente apropriado à audição e retransmissão da tradição oral, e uma das formas de dinamizar o processo de realimentação das tradições populares. Em 1993, vinculado ao Programa de estudo e Pesquisa da Literatura Popular, foi criado o projeto “Quem conta um conto...”, coordenado pela professora Maria del Rosário Albán, que propõe a inclusão das manifestações da tradição oral e popular nos programas do ensino fundamental. Uma experiência piloto está em curso em três escolas da rede oficial de ensino, sob a responsabilidade da professora Fátima Santiago, ex-bolsista do programa, que no momento é professora do estado. O texto chegará via escrita, moldado e adaptado para a letra – forma de recepção habitual do conhecimento na escola –, por meio de cadernos de textos das várias manifestações e gêneros da literatura oral, organizado de acordo com a idade dos receptores.

Divulgação

O material coletado vem sendo objeto de estudo em cursos de língua e literatura na área de Letras, no ensino fundamental, em dissertações e tese de doutorado; e vem sendo divulgado em Seminários e Encontros e em publicações. Além do já citado número especial da Revista Estudos: lingüísticos e literários, do Mestrado em Letras, encontra-se em fase final de preparação para publicação, “O Romanceiro Ibérico na Bahia”, com 241 textos de romances tradicionais. O material coletado também tem sido assunto para artigos em revistas ou publicações especializadas nacionais e internacionais.

Intercâmbio

O Programa mantém intercâmbio com pesquisadores e instituições nacionais e estrangeiras (Universidade de Lisboa, Seminário Menéndez Pidal, na Espanha).

Acervo

O Programa de estudo e Pesquisa da Literatura Popular até a presente data (a pesquisa está em andamento), outubro de 1984, já recolheu 4.271 textos, dos quais 694 são romances, 1.457 de contos e 2.120 das demais manifestações. Esses textos se encontram em arquivos – sonoros e de pastas suspensas – transcritos, classificados e catalogados.

Além desse arquivo de textos, o programa possui uma biblioteca especializada sobre literatura oral e popular, constituída de material doado e adquirido pelas pesquisadoras, e ainda um acervo fotográfico dos quase mil informantes.

Apoio financeiro

O programa nesses dez anos de existência tem sido apoiado pelo CNPq, além de apoios circunstanciais de outras instituições como FUNARTE, e FAPEX, mais recentemente. Também tem recebido ajudas valiosas de prefeituras de alguns municípios e de particulares.